

Jeremy Dronfield

**O Rapaz Que Seguiu o Pai
para Auschwitz**

Tradução
Patrícia Cascão

Para o Kurt

e em memória de

Gustav

Tini

Edith

Herta

Fritz

A testemunha forçou-se a depor. Pelos jovens de hoje, pelas crianças que irão nascer amanhã. Ele não quer que o seu passado se torne o futuro deles.

ELIE WIESEL, *Noite*

Índice

Agradecimentos.	13
Prefácio.	17
Prólogo.	19
Primeira parte – Viena	
1. «Quando o sangue judeu pinga da faca...»	23
2. Traidores do povo	44
Segunda parte – Buchenwald	
3. Sangue e pedra: campo de concentração de Buchenwald	61
4. A trituradora de pedra	77
5. A estrada para a vida	87
6. Uma decisão favorável.	102
7. O Novo Mundo	117
8. Indigno de viver	129
9. Mil beijos.	145
10. Uma viagem para a morte.	165
Terceira parte – Auschwitz	
11. Uma localidade chamada Oświęcim	177
12. Auschwitz-Monowitz	195
13. O fim de Gustav Kleinmann, judeu.	203
14. Resistência e colaboração: a morte de Fritz Kleinmann. .	215

15. A bondade de estranhos	235
16. Longe de casa	249
17. Resistência e traição.	263
Quarta parte – Sobrevivência	
18. Comboio da morte.	283
19. Mauthausen	296
20. O fim dos dias.	310
21. O longo caminho para casa	326
Epílogo – Sangue judeu	333
Posfácio – <i>Kurt Kleinmann</i>	341
Notas	343
Bibliografia e fontes.	391
Índice remissivo.	399

Agradecimentos

Este livro não poderia ter sido escrito sem as suas principais fontes materiais – o diário do campo de concentração de Gustav Kleinmann e as memórias de Fritz Kleinmann, que me chegaram através do Professor Reinhold Gärtner da Universidade de Innsbruck. Reinhold ajudou Fritz a publicar ambos os documentos no livro *Doch der Hund will nicht krepieren* («Mas o cão recusa-se a morrer», Innsbruck University Press, 2012), e deu uma colaboração indispensável à minha pesquisa inicial para este livro, o que lhe agradeço.

Estou profundamente grato a Kurt Kleinmann, que viveu a *Anschluss* e a ocupação nazi de Viena, pelas muitas horas de entrevistas e meses de correspondência. Sem a ajuda generosa e incansável de Kurt, esta história teria sido muito menos rica em profundidade e pormenor. Peter Patten, neto de Gustav, também contribuiu muito gentilmente com entrevistas e correspondência. Estou também grato a Rachel Schine, que ajudou a pôr-me em contacto com o ramo americano da família. O lado austríaco da família também deu apoio. O encorajamento de Peter Kleinmann, Victor Zehetbauer e do seu pai, Ernst, bem como o de Richard Wilczek, foram indispensáveis.

O rascunho de uma tradução em inglês de *Doch der Hund*, preparado por John Rie, foi o meu primeiro contacto com esta história, e forneceu uma base vital para a criação da minha própria tradução do diário de Gustav e das memórias de Fritz. Para a preparação dos títulos da secção hebraica, estou grato ao conselho de perito dado por Keren Joseph-Browning. Uma

revisão meticulosa de Richenda Todd salvou-me de muitos pequenos, mas constrangedores, erros.

Muitos arquivos e os seus arquivistas forneceram-me guiões, documentos e imagens, e lidaram pacientemente com as minhas questões. Estou grato a todos eles. Incluem o Arquivo de Estado Austríaco, em Viena, por documentos sobre os registos de Gustav Kleinmann da Primeira Grande Guerra; Douglas Ballman e Georgiana Gomez, supervisora de acesso do University of Southern California Shoah Foundation Institute for Visual History and Education, por fornecerem uma transcrição da entrevista de 1997 de Fritz Kleinmann e por ajudarem com as fotografias; Ewa Bazan, chefe do Gabinete para Antigos Prisioneiros no Museu Memorial Auschwitz-Birkenau; Johannes Beermann, arquivista no Instituto Fritz Bauer da Goethe-Universität, Frankfurt-am-Main, pelos depoimentos testemunhais de Fritz e de Gustav dos julgamentos de Auschwitz em Frankfurt; Biblioteca da Universidade de Cambridge; Judy Farrar, bibliotecária dos Arquivos e Coleções Especiais, Biblioteca Claire T. Carney, Universidade de Massachusetts, Dartmouth, por informação sobre Samuel Barnet; Harriet Harmer, assistente de arquivo dos Serviços de Arquivo de West Yorkshire, Leeds, RU, por documentos sobre Edith Kleinmann e Richard Paltenhoffer; Elisa Ho, coordenadora arquivista e de Projectos Especiais, The Jacob Rader Marcus Center of the American Jewish Archives, Cincinnati, por documentos sobre Maly Trostinets; Katharina Kniefacz, Centro de Pesquisa KZ-Gedenkstätte Mauthausen, Viena, pelos registos prisionais de Fritz Kleinmann; Albert Knoll, arquivista, KZ-Gedenkstätte Dachau, por informação sobre Richard Paltenhoffer; Kimberly Kwan, voluntária, Gedenkstätte Buchenwald, por informação sobre os Kleinmann e Richard Paltenhoffer; Heike Müller, Serviço de Rastreo Internacional, Bad Arolsen, Alemanha, por documentos relacionados com a prisão dos Kleinmann em vários campos de concentração; Susanne Uslu-Pauer, chefe de departamento, Arquivo de Israelitischen Kultusgemeinde, Viena; e a Biblioteca de Wiener, Londres.

Finalmente, estou grato ao meu agente literário, Andrew Lownie, por ser o primeiro a chamar a minha atenção para a história dos Kleinmann, e a Dan Bunyard e a Zennor Compton da Penguin Books por

acreditarem no livro e por trazerem o seu entusiasmo ao projecto. Como sempre, a minha companheira, Kate, forneceu um apoio moral constante e paciente que me sustentou ao longo de todos os livros que já escrevi.

Junho de 2018.



Prefácio

Esta é uma história verídica. Todas as pessoas, em todos os acontecimentos, reviravoltas e incríveis coincidências, são retiradas de fontes históricas. Deseja-se que não seja verdade, que nunca tenha ocorrido, tão terríveis e dolorosos são alguns dos acontecimentos, mas aconteceu tudo, tal como o recordam aqueles que ainda estão vivos.

Há muitas histórias do Holocausto, mas não como esta. A história de Gustav e de Fritz Kleinmann, pai e filho, contém elementos de todas as outras, mas é muito diferente de qualquer outra. Muito poucos judeus passaram pela experiência dos campos de concentração nazis desde as primeiras detenções em massa, no final dos anos de 1930, e durante a Solução Final, até à eventual libertação. Nenhuns, que eu tenha conhecimento, passaram por todo este inferno juntos, pai e filho, desde o início até ao fim, desde a vida sob a ocupação nazi até Buchenwald e Auschwitz, passando pela resistência dos prisioneiros contra as SS, pelas marchas da morte e, depois, por Mauthausen, Mittelbau-Dora e Bergen-Belsen. De certeza, pelo menos, nenhum que tenha deixado um registo escrito e conseguido regressar a casa vivo. Sorte e coragem tiveram o seu papel, mas aquilo que em última instância manteve Gustav e Fritz vivos foi o amor e a devoção que tinham um pelo outro. «O rapaz é a minha grande alegria», escreveu Gustav no seu diário secreto, em Buchenwald. «Fortalecemo-nos um ao outro. Somos um, inseparáveis.» Este laço passou pelo derradeiro teste um ano mais tarde, quando Gustav foi transferido para Auschwitz – uma sentença de morte quase

certa – e Fritz decidiu abdicar da sua própria segurança para o acompanhar.

Dei vida a esta história com todo o coração. Parece um romance. Tenho tanto de contador de histórias como tenho de historiador e, no entanto, não tive de inventar nem de embelezar nada. Até os fragmentos de diálogo são citações ou reconstruções a partir de fontes primárias. A pedra basilar é o diário do campo de concentração, escrito por Gustav Kleinmann entre Outubro de 1939 e Julho de 1945, complementado pelas memórias que Fritz escreveu e as entrevistas que deu em 1997. Nenhuma destas fontes é de fácil leitura, quer em termos emocionais quer literários – o diário, escrito sob circunstâncias extremas, é vago, muitas vezes com alusões enigmáticas a coisas que ultrapassam o conhecimento do leitor em geral (até os historiadores do Holocausto teriam de consultar as suas obras de referência para interpretar algumas passagens). O motivo de Gustav para escrever não era fazer um registo, mas sim ajudar a preservar a sua própria sanidade; as suas referências eram compreensíveis para ele naquela altura. Uma vez decifrado, proporciona uma visão rica e angustiante sobre como era viver o Holocausto, semana após semana, mês após mês e ano após ano. De forma surpreendente, revela a força invencível de Gustav e o seu espírito de optimismo: «todos os dias digo uma oração para mim mesmo», escreveu no sexto ano de encarceramento: «Não desespere. Cerra os dentes – os assassinos das SS não podem vencer-te.»

Entrevistas com membros da família que sobreviveram forneceram pormenores pessoais adicionais. Foi tudo – desde a vida em Viena nos anos de 1930 até ao funcionamento dos campos e às personalidades envolvidas – corroborado por uma intensa pesquisa documental, incluindo testemunhos de sobreviventes, registos dos campos e outros documentos oficiais, que confirmam a história a cada passo, mesmo os momentos mais extraordinários e incríveis.

Junho de 2018.

Prólogo

Áustria, Janeiro de 1945

Fritz Kleinmann moveu-se com a oscilação do comboio, a tremer convulsivamente sob a ventania gelada que rugia sobre as paredes laterais do vagão de mercadorias descoberto. Apertado contra ele, o pai dormitava, exausto. À volta deles estavam sentadas figuras pouco iluminadas, com o luar a tocar ao de leve nas riscas pálidas dos seus uniformes e nos ossos dos seus rostos. Estava na altura de Fritz fugir.

Tinham passado oito dias desde que haviam deixado Auschwitz. Tinham caminhado durante os primeiros 60 quilómetros, com as SS a conduzir os milhares de prisioneiros para oeste, através da neve, para longe do avanço do Exército Vermelho. Ouviam-se tiros de espingarda intermitentes, que vinham da traseira da coluna, à medida que aqueles que não conseguiam acompanhá-la eram assassinados. Ninguém olhava para trás.

Depois, foram colocados em comboios que se dirigiam para campos mais no interior do *Reich*. Fritz e o pai conseguiram permanecer juntos, como sempre haviam conseguido. O seu transporte ia para Mauthausen, na Áustria, onde as SS iriam continuar a tarefa de sugar as últimas forças de trabalho dos prisioneiros antes de por fim os exterminarem. Eram 140 homens enlatados em cada um dos vagões descobertos – primeiro tinham de estar de pé, mas, com o passar dos dias e o frio a matá-los, tornou-se gradualmente possível sentarem-se. Os cadáveres eram empilhados num canto do vagão e as suas roupas retiradas, para aquecer os vivos.

Podiam estar à beira da morte, mas estes prisioneiros eram os afortunados, os trabalhadores com utilidade – a maioria dos seus irmãos

e irmãs, mulheres, mães e filhos, tinha sido assassinada ou estava na marcha forçada para oeste, a morrer em massa.

Fritz era um rapaz quando o pesadelo começara, sete anos antes. Tinha-se tornado um homem nos campos nazis, a aprender, amadurecer e a resistir à pressão de abandonar a esperança. Ele tinha previsto este dia e preparara-se para ele. Sob os uniformes do campo, ele e o pai tinham vestido roupas civis, que Fritz obtivera através de amigos na Resistência de Auschwitz.

O comboio parara em Viena, a cidade que tinha outrora sido a sua casa, depois virara para oeste e, agora, encontravam-se a apenas 15 quilómetros do destino. Estavam de novo no seu país e, assim que fugissem, poderiam passar por operários locais.

Fritz tinha adiado o momento, preocupado com o pai. Gustav tinha 53 anos e estava exausto – era um milagre ter sobrevivido tanto tempo. Agora que chegava o momento, não tinha forças para tentar escapar. Já não tinha forças. No entanto, não podia negar ao filho a oportunidade de viver. Seria uma dor excruciante separarem-se após tantos anos a ajudar-se um ao outro a sobreviver, mas incentivou Fritz a ir sozinho. Fritz implorou-lhe que fosse, mas não valeu a pena: «Deus te proteja», disse-lhe o pai. «Não posso ir, estou demasiado fraco.»

Se Fritz não tentasse fugir em breve, seria tarde de mais. Levantou-se e despiu o odiado uniforme. Depois, abraçou o pai, beijou-o e, com a sua ajuda, escalou a parede escorregadia do vagão.

O vento, a 30 graus negativos, atingiu-o com força. Perscrutou com ansiedade os vagões adjacentes, vigiados por guardas armados das SS. A Lua estava brilhante – a dois dias da lua cheia, estava alta e conferia um ar fantasmagórico à paisagem de neve, contra a qual qualquer forma em movimento seria visível¹. O comboio avançava à velocidade máxima. Agarrando-se à sua coragem e à esperança de que tudo corresse bem, Fritz lançou-se para a noite e para o veloz vento gelado.